

RESENHA

BRANDÃO, Zaia. Pesquisa em educação: conversas com pós-graduandos. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2012.

Por Renata Riva Finatti

O fazer pesquisa exige disciplina e processos decisórios. Difícil não se reconhecer em alguns dos trechos que Zaia Brandão nos traz em “Pesquisa em educação: conversas com pós-graduandos”. A autora é pesquisadora e professora do Curso de Pedagogia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, desde 1963, onde também atua no programa de Pós-Graduação desde 1970. Tendo passado também por experiência na Secretaria Estadual de Educação de Alagoas, Fundação Cesgranrio, Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro e pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, fala com propriedade do ofício de professora-pesquisadora. É sob este olhar, de quatro décadas de atuação universitária, que a autora “conversa” com graduandos e pós-graduandos de maneira bastante confortável.

Zaia Brandão, ou Rosaly Hermengarda Lima Brandão, pesquisa atualmente o Curso de Pedagogia, a partir de duas instituições – uma privada, outra pública – mas já realizou trabalhos sobre o “efeito escola”, os processos de escolarização, relação escola-família-cultura, escolarização das elites (rendimento escolar), dificuldades de aprendizagem, dentre outros trabalhos.

O texto ora resenhado é bastante didático, e passa pelos anseios de pesquisadores: o ofício de pesquisador-professor, a escolha do objeto de pesquisa, a metodologia de trabalho, o levantamento de hipótese, a revisão bibliográfica, tensões, o campo da pesquisa em educação, as contribuições da academia para a escola pública, e a escola pública, através de uma retomada de ideias de Anísio Teixeira. Neste caminho traçado pela autora, o leitor se vê revendo sua caminhada de estudos, e tomando para si as falas, como se conversasse com seu orientador, formalmente ou no corredor da universidade. Os textos, como a própria autora afirma, perpassam “os problemas mais frequentes das pesquisas em educação: o caráter multidisciplinar da área e a superposição dos objetivos de conhecimento com os da intervenção pedagógica” (BRANDÃO, 2002, p. 11), ou seja, há, em educação, conhecimento sistemático e opções teóricas e político-metodológica que se contrapõe e devem ser consideradas no fazer pesquisa.

No primeiro capítulo do livro a autora faz um convite aos universitários, em especiais aos pós-graduandos, a irem - e permanecerem - nas bibliotecas, fazendo alusão à cozinha para o estudante à chef: é lá que ele irá experimentar a aprender a cozinhar, cozinhando. O pós-graduando terá importante tarefa de leitura e discussões acerca dos principais autores da área de estudo, e terá que exercitar-se na tarefa de interpretar as principais referências bibliográficas, resenhando, revisando, fazendo relatórios ou atas de pesquisa. Este capítulo é quase um receituário de como ler, para que ler (aprender a citar e escrever academicamente, com cuidados), o que ler – diferentes fontes, tipos de publicações, etc., mas, principalmente, o experimentar, nas bibliotecas, recheadas de exercícios e alimentos para o estudo.

O capítulo dois do livro traz reflexões acerca de questionários e entrevistas, abordagens macro ou micro dos objetos. A autora enfatiza que a delimitação do objeto e a análise e interpretação de resultados são etapas essenciais da pesquisa, as quais exigem tempo e rigor. Dedicar-se a estas etapas, sem pressa, mas com disciplina, é fundamental para que se conheça o objeto e tome as decisões que, bem experimentadas, reduzirão

erros e encurtarão caminhos. Para tal, referencia-se em Bourdieu (1989) ao falar de habitus, modus operandi científico, e arrogância da ignorância. É preciso conhecer bem o que se está fazendo para não se tomar decisões pela eliminação das opções que não domina. A autora descreve os riscos da pesquisa quantitativa e qualitativa, das entrevistas e das conversas, e dos usos destes instrumentos, na dosagem que se faz necessária em sua preparação e análise.

Em “A construção de um objeto de pesquisa: problematizando a interdisciplinaridade”, a autora faz importante reflexão ao campo da educação, necessária a todos os envolvidos nele: as generalizações e especificidades, a interdisciplinaridade e a necessidade de se voltar à disciplina para não se cometer erros com a falta de conhecimento desta ou daquela área necessária à pesquisa. Para tal, exemplifica com seu processo de pesquisa dentro da historiografia: precisou fazer e refazer caminhos, além de dedicar-se ao entendimento dos processos da história para perceber que sua análise inicial carecia de maior cuidado. Como a educação relaciona-se diretamente com outras áreas do conhecimento, este é um caminho que todos precisamos fazer, diante das necessidades: visitar a sociologia, a psicologia, a filosofia, para entender suas formas de operação com o conhecimento, sempre que o objeto solicitar.

Uma das teses centrais que a autora coloca em seu texto é a da teoria como hipótese, a qual se dedica no capítulo quarto. Brandão parte da ideia de que o campo científico hoje se caracteriza pela “flexibilização das fronteiras entre as áreas do conhecimento e flexibilização da noção de verdade científica que resultou do conceito, cada vez mais ampliado, da verdade como um processo” (2002, p. 62). Tudo deve ser problematizado; no saber científico as verdades devem ser contestadas e lidas não apenas por um campo, mas pelos campos afins ao objeto. É preciso que o pesquisador, além de dedicar-se com o rigor científico exemplificado em outros momentos da obra, amplie e redefina os limites de sua especialização, debatendo com mais áreas para ampliar a capacidade de análise. Para Zaia Brandão, é equívoca

a postura que trabalha com a teoria como explicação do real. O progresso científico tem permitido uma relativização positiva dessa visão e forma de operar com a teoria. A própria ampliação do conhecimento disponível em determinada área torna inevitável o reconhecimento da precariedade e provisoriedade deste mesmo conhecimento (2002, p. 71).

Os capítulos cinco, seis e sete retomam alguns dos elementos anteriormente tratados pela autora, mas com maior dedicação. Abrangem as especificidades do campo educacional, sua identidade, as questões de interdisciplinaridade e disciplinaridade e de olhares macro e micro.

Por fim, os três últimos capítulos, “Redimensionando a escola pública: a contribuição da academia”, “Fluxos escolares e efeitos agregados pelas escolas” e “Retomando Anísio Teixeira e pensando a escola pública” trazem importantes reflexões acerca do panorama atual da democratização da escola pública e do papel dos pesquisadores da educação para pensa-la e pensar o desenho das políticas que a configura.

O livro é um convite à conversa, à reflexão, e ao fazer pesquisa. Uma leitura convidativa àqueles que farão, fazem ou fizeram pesquisa... Ou àqueles que escolheram a educação como ofício e da pesquisa não irão se separar, tendo em vista a abrangência e complexidade do campo, que nos coloca constantemente, a repensar práticas e verdades.